



A HISTÓRIA DO PONTO DE EXCLAMAÇÃO!

Uma das situações mais difíceis com que um professor de Artes Marciais hoje em dia tem de lidar é com a visão que os alunos têm hoje do papel do seu mentor e como isso influencia a sua relação e o seu desenvolvimento ético e técnico.

Qual o papel de um professor hoje em dia? Estabelecer amizades? Ser reconhecido? Ter discípulos? Ganhar dinheiro? Ocupar o tempo? Todas estas visões são comuns em tempos em que os valores e a tradição marcial foram substituídos pelo mercantilismo e pela facilidade de chegar à “informação”. Confunde-se frequentemente informação com estudo e não se entende que a informação tem níveis diversos de entendimento e que para chegar a esse entendimento mais profundo, onde reside a essência das Artes Marciais, há que trabalhar com alguém que se disponibilize genuinamente para apoiar o estudante. Não é fácil e não dinheiro que pague.

O estudante é incentivado a preocupar-se com o acessório, a cor do cinto, a graduação de Dan, a musculatura, a admiração dos outros, a sua “erudição” marcial. Tudo isto são ilusões, são o Samsara das Artes Marciais. Este incentivo é muito comum ser feito pelos próprios responsáveis das Escolas para darem satisfação a um dos argumentos que no segundo parágrafo indiquei.

Ser um professor de Artes Marciais numa sociedade que não valoriza o esforço, a dedicação desinteressada, a lealdade, a manutenção de valores que ajudam ao desenvolvimento da inteligência e do carácter, é uma tarefa árdua e frequentemente desanimadora. Aliás acho mesmo que esta situação se aplica a qualquer professor independentemente da área. Um professor é depois dos pais aquele que tem o papel mais importante na formação global do aluno, independentemente da idade de ambos.

Passo a contar uma história verídica que se passou com uma pessoa que estava a monitorar uma acção de formação de sensibilização ao sumie e ao shodo.

Um pequeno grupo de pessoas reunida em redor do instrutor ouvia algumas considerações históricas e técnicas, fundamentais para o enquadramento da matéria, quando um aluno mais ansioso pede para falar e coloca o responsável da aula perante a situação que se sentia defraudado porque tinha pago para aprender aquela matéria e ainda não tinha visto uma pintura ou uma caligrafia. Achava ele muito afoitamente que aquilo não era adequado e que o dinheiro devia ser devolvido. O instrutor calmamente olhou-o e informou que ele tinha muitíssima razão e que por isso ia passar de imediato à prática. Pegou numa folha e no pincel e desenhou ao longo da folha um ponto de exclamação e o mesmo símbolo invertido (! ¡). Colocou o seu hanko no desenho e ofereceu ao aluno perguntando-lhe:

- Que vê aí?

O aluno estupefacto olha e diz ...

- Mas é um ponto de exclamação ... normal e invertido!



- É o que vê porque só é capaz de ver isso, mas na realidade é uma prostituta de pernas abertas de barriga para cima e de barriga para baixo. Qual prefere? Respondeu o professor.

- Como? Reagiu o aluno incomodado.

- De mim é só o que lhe posso dar e o que o seu dinheiro pagou. Exclamou o professor.

O aluno furioso levantou-se e foi embora, e para sempre.

É claro que o objectivo não era insultar o aluno mas somente levá-lo a reflectir no seu comportamento, na sua ignorância. Infelizmente não houve da parte do “aluno” uma compreensão da atitude, mas isso é algo com que os professores têm de lidar e aceitar sem angústia, pois ninguém pode trilhar o caminho do outro e os momentos de clareza surgem quando o cume da montanha se vislumbra depois das nuvens se afastarem.